

Uma “neutralidade cómoda”

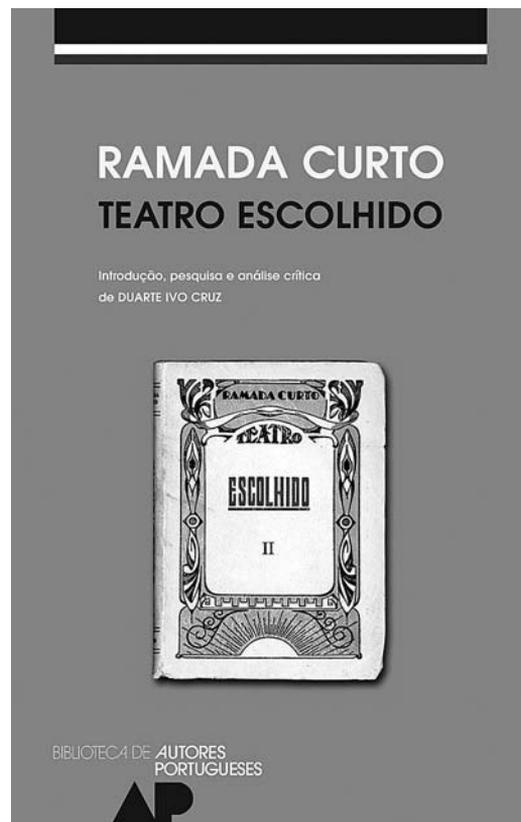
Luiz Francisco Rebello

Ramada Curto, *Teatro escolhido*, 2 vols., introd., pesquisa e análise crítica de Duarte Ivo Cruz, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2004, 391 e 397 pp.

Nunca é demais enaltecer a atenção e o interesse que a Imprensa Nacional / Casa da Moeda e o seu director, António Braz Teixeira, têm dedicado à dramaturgia portuguesa, tão malquerida pela generalidade dos editores ... e até dos directores de teatros e de outras instituições oficiais, para quem a noção de “serviço público” é letra morta. Testemunham-no, para mencionar apenas edições mais recentes, os cinco tomos em que a obra completa de Gil Vicente é facsimilada, transcrita e copiosamente anotada, as duas antologias de peças portuguesas em um acto, os volumes em que se coligem textos de dramaturgos contemporâneos e das gerações que imediatamente os precederam – Jaime Cortesão, Alfredo Cortez, Carlos Selvagem, Vitoriano Braga, Joaquim Paço d’Arcos –, a que veio agora juntar-se uma selecção, organizada e apresentada por Duarte Ivo Cruz, do teatro de Ramada Curto.

Coincide o lançamento desta publicação, por um feliz acaso (se é que o foi), com o centenário da estreia nas tábuas do então jovem Ramada Curto – não tinha ainda 20 anos – no espectáculo inaugural do Teatro Moderno, em 1905. Propunha-se este, na senda aberta pelo Teatro Livre no ano anterior, e como este dirigido por Araújo Pereira, “representar peças escritas por autores novos portugueses, estudiosos e inteligentes, que, por não serem consagrados noutras casas de espectáculos públicos, não têm visto apreciados os seus trabalhos, por muito bons que sejam”. A peça de Ramada Curto, *O estigma*, com que abre a selecção de D. Ivo Cruz, é claramente uma obra de adolescente (teria sido escrita aos 17 anos), mas inscreve-se nos objectivos proseliticos do movimento, na sua (ingénua) denúncia de obsoletos preconceitos sociais. Mas revelava já, incipientemente, alguns dos traços característicos da sua ulterior produção dramática: um sentido eficaz de construção teatral, uma hábil, talvez mais exactamente habilidosa, dosagem de efeitos cénicos, um diálogo fluente e coloquial.

Produção abundante: *O estigma* foi a primeira das trinta e duas peças (além de traduções de Óscar Wilde, Marcel Pagnol e Edouard Bourdet e de colaboração numa revista) que, com uma regularidade pouco frequente entre nós, se estrearam durante meio século – a última, *Fogo de vistas*, também aqui incluída, subiu à cena em 1956 – em teatros e por companhias profissionais. Que a maioria dessas peças – mais de quatro quintos do seu número total – haja podido transpor as barreiras apertadas da censura instituída em 1926, não obstante algumas abordarem assuntos que esta não admitia, explicam-no as palavras introdutórias de Duarte Ivo Cruz:



Temas como greve, lock-out, dimensionamento empresarial, injustiça, divórcio e liberdade assumida de costumes (ou 'maus costumes'), mobilidade social ou abuso do patronato (mas também do operariado) são frequentes nestes dramas e comédias, desde que acabem de acordo com os valores estabelecidos (2004a: 16)

Mas já antes, em 1935, Eduardo Scarlatti aludia à “neutralidade cómoda, espécie de *modus-vivendi* com a rotina” que tentava “em quase todas as suas obras, de assunto e meio burgueses” – e, antes ainda, observava que, nelas, o dramaturgo oferecia “quase sempre o quadro burguês – ou pequeno-burguês – como princípio, meio e fim da acção, nunca para o submeter a uma sátira ou fazer ressaltar consequências da imperfeição na ordem social, mas para dramatizar sentimentos” (Scarlatti 1948: 143) E o ilustre crítico não se eximia de apontar a insanável contradição entre as proclamadas convicções socialistas de Ramada Curto e a sua descrença na luta de classes, a que ele opunha, idealisticamente, “a intervenção das classes para evitar o sofrimento à Humanidade” (Curto 2004a: 14-15)

Gravemente limitado no plano ideológico, o seu teatro não o é menos no plano estético – pela sua declarada



<
Ramada Curto
(desenho de Roberto
Nobre).

submissão ao credo naturalista, já então dramaturgicamente em escala descendente, pela sua cedência a um melodramatismo e um sentimentalismo mais que ultrapassados (de que são tristes exemplos *A fera*, *Justiça*, *Duas mães*, criteriosamente excluídas desta selecção, ou a mais festejada de quantas escreveu, *Recompensa*), pelo artificialismo das suas frustres tentativas de aproximação a um vanguardismo que lhe merecia sarcásticas objurgatórias (em *O diabo em casa*, *Columbina* e *o telefone*, *Fogo de vistas*). E, no entanto, na obra deste "industrial de dramaturgia", como depreciativamente Jorge de Sena lhe chamou numa recensão crítica de extrema violência¹ (Sena 1988: 162), encontram-se, em dois registos diferentes, algumas das peças mais representativas e especulares do teatro e da sociedade portuguesas de entre as duas guerras mundiais: a crítica social (*O caso do dia*, *Demônio*, *A cadeira da verdade*) e o drama íntimo (*O homem que se arranjou*, *O Gonzaga*).

Sem atingir a estatura de um Alfredo Cortez ou de um Carlos Selvagem, seus émulos no convívio com o público do seu tempo (deixemos de lado, pela sua singularidade, os casos de Raul Brandão e António Patrício), Ramada Curto desenha-se como uma figura bem representativa,

pelo melhor e pelo pior, da dramaturgia levada à cena nos anos 20 e 30. Ignorá-lo – e estes dois volumes contribuem para a isso obstar – é esquecer, como disse Jorge de Sena, que "nenhuma literatura é feita apenas de grandes nomes, desarticulados de quanta massa de escritores menores lhes serviu de antecipada experimentação fruste", pois "a obsessão com os grandes nomes, muito própria de culturas menorizadas, no fundo encobre uma grande ignorância de tudo os que os precedeu e rodeou". As "bonecas e os fantoches" de Ramada Curto – parafraseando o título de uma das suas comédias – permitem-nos entender melhor as personagens de Cortez, Selvagem, Brandão: não será esse um dos seus méritos menores.

Referências bibliográficas

- SCARLATTI, Eduardo (1948), *Em casa de "O diabo": Subsídios para a história do teatro*, 1.º vol., Lisboa.
- SENA, Jorge de (1988), *Do teatro em Portugal*, org., pref. e notas de Luiz Francisco Rebello, Lisboa, Edições 70.

¹ O artigo, publicado no n.º 1252-53 (de Maio de 1952) da *Seara nova*, acabou por determinar o afastamento de Jorge de Sena do exercício da crítica de teatro nessa revista (V. Sena 1988: 403).